

RESUMO EXPANDIDO

Graduação em Foco – 2022 – UFMG

GT - Outros modos de co-viver: corpos humanos e mais-que-humanos, saúde e bem-estar em meio aos escombros do Antropoceno

Email do GT: italocassimiro@gmail.com

Coordenadores:

¹Ítalo Cassimiro Costa - Graduado em Ciências Sociais (UFMG) e mestrando em Antropologia Social (PPGAN / UFMG).

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4006392997846061>

E-mail: italocassimiro@gmail.com

Whatsapp: +55 (31) 99800 0599

²Marcela de Queiroz Teófilo - Graduada em Filosofia (PUC-MG) e mestre em Educação (UFMG).

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/8687392622061422>

E-mail: marcelafilosofia21@gmail.com

Whatsapp: +55 (31) 97209 0203

Resumo expandido:

Quando Ailton Krenak (2020), em seu livro *A vida não é útil*, nos adverte que “não se come dinheiro”, ele sinaliza um verdadeiro descompasso entre as formas modernistas de viver (através de relações monetárias) e a preservação das condições vitais e socioambientais de sobrevivência humana (através das relações com a terra). Diante desse descompasso, nos resta algumas saídas como “produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar.” (Krenak, 2020, p. 46).

A partir dessa provocação de Krenak, este Grupo de Trabalho visa contemplar escritos, ensaios, resenhas, notas e/ou relatos, teóricos e/ou etnográficos, que se articulam entre os problemas socioambientais e ecológicos da contemporaneidade, as questões que envolvem relações humanas e mais-que-humanas e as práticas corporais de saúde e bem-estar em meio às ruínas do Antropoceno (Tsing, 2019). Essas articulações tendem a ativar reflexões sobre o problema da *natureza e cultura, global e*

local bem como conectar, empírica e teoricamente, vidas ameaçadas pelas crises do Antropoceno a outras saídas e alternativas de co-vivências.

A primeira metade do século XXI vem sendo marcada por um quadro de crises multidimensionais que vão desde os impactos ecológicos e tecnológicos inaugurados na chamada Revolução Industrial até as lutas por sobre-vivências e bem-estar em meio aos escombros do Antropoceno. Enquanto isso, na ordem do cotidiano, corpos humanos e mais-que-humanos atravessam e são atravessados pelos miasmas desencadeados na destruição ambiental, pelos destroços da densidade tecnocientífica ou pelos crescimentos econômicos indiscriminados nas sociedades modernistas. Nesse cenário caótico, muitos sujeitos passaram a sofrer bio-psico-socialmente com os impactos dessas crises de formas distintas. Ora acometidos por todo tipo de violação dos Direitos Humanos através de expropriações e ameaças à vida, ora reinventando seus modos de vida, esses sujeitos desfazem processos patológicos, tecem redes de cuidados, inovam técnicas terapêuticas, (re)constroem territórios existenciais e ecologias, e protagonizam práticas e discursos que visam garantir o mínimo de bem-estar e saúde resistindo às ameaças vitais em meio aos perigos e ao mal-estar civilizatórios e modernistas.

Essas são resistências que revelam questões sociocientíficas controversas, dentre as quais os efeitos das violências epistemológicas e epistêmicas inviabilizam a intersubjetividade nos contextos institucionais, impondo obstáculos à circulação de epistemologias outras nos campos de conhecimento.

No entanto, diante de um cenário individualista, urbano, tido como central e regulado pelo predomínio dos valores neoliberais e pela cultura do consumo, este GT pretende incentivar inflexões que suscitem outros modelos de “empreendedorismo” solidário, ou seja, outras formas educativas e de aprendizagens que interagem com as naturezas-culturas emergentes (Haraway, 2021). Em outras palavras, buscamos incentivar reflexões que contemplem pessoas em apuros que saíam de sistemas e linguagens opressivas (sejam psíquica, ecológicas ou sociais), tornando-se assim um tipo diferente de alvo das violações de Direitos Humanos.

Seja nos campos da Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia das Ciências e das Técnicas e/ou dos estudos sobre Conflitos Socioambientais, buscamos congregiar trabalhos que problematizem e reflitam as relações humanas e mais-que-humanas, as práticas de saúde e bem-estar, as expropriações ecológicas e seus impactos ou que dialoguem com outras formas de co-vivências e co-habitações, para utilizar os termos de Donna Haraway (2021).

Referências bibliográficas:

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Traduzido por Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2019.

VELOSO, Serena. *Ailton Krenak defende coletividade e expansão dos horizontes acadêmicos no #InspiraUnB*. UNB Notícias, 2020. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/67-ensino/3993-ailton-krenak-defende-coletividade-e-expansao-dos-horizontes-academicos-no-inspiraunb>>. Acesso em: 07 jul. 2022.